

Memória, poder e verdades: disputas de sentidos no acionamento do memorável no caso do Fundão¹

Memory, power and truths: disputes of meanings in triggering the memorable in the case of Fundão

Mozahir Salomão Bruck², Herom Vargas³, Jeane Moreira⁴

1 Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Memória nas Mídias do XXIX Encontro Anual da Compós, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande (MS), em novembro de 2020.

2 Mozahir Salomão Bruck, PUC Minas, doutor. E-mail: mozahir@gmail.com.

3 Herom Vargas, Universidade Metodista de São Paulo, doutor. E-mail: heromvargas50@gmail.com.

4 Jeane Moreira, mestre pela PUC Minas. E-mail: jeanecmoreira@gmail.com.

Resumo

Este artigo busca estudar narrativas do jornal *A Sirene* e dos vídeos de *storytelling*, da Fundação Renova, no contexto de discursos que circularam após o rompimento da Barragem do Fundão, Minas Gerais, em 2015. Polarizados e antagonônicos, tais movimentos discursivos oportunizam a reflexão sobre a memória como disputa de sentidos, ou seja, exemplificam o jogo da memória como um jogo de poder e de luta pela afirmação de verdades. O embasamento teórico convocou noções como poder e verdade; a revisão crítica da noção de memória coletiva; os tensionamentos entre lembrar e esquecer e testemunho. Nossa abordagem empírica se valeu da análise de conteúdo, por meio da qual se perscrutou as textualidades mencionadas, buscando entender como tais dispositivos mobilizam suas forças, táticas e competências discursivas e linguageiras para, na atualidade, acionar fatos passados – o memorável – mas nele também construir a memória por vir.

Palavras-chave

Memória, poder, verdade.

Abstract

This paper investigates narratives from the newspaper *A Sirene* and the storytelling videos produced by Renova Foundation, regarding the discourses that circulated after the Fundão dam rupture (Minas Gerais) in 2015. Polarized and antagonistic, such discursive movements provide opportunities to reflect on memory as a dispute for meanings, that is, the game of memory as a game of power and struggle for the affirmation of truths. Such a discussion required concepts such as: power and truth (FOUCAULT, 2007); the critical review (NAMER, 1987) of the concept of collective memory (HALBWACHS, 1990); the tension between remembering and forgetting (HUYSSSEN, 2014); and testimony (PIERRON, 2010). Using Content Analysis, we investigated these textualities to understand how such devices mobilize their discursive and linguistic forces, tactics and skills to, at present, trigger past events - the memorable -, but also build upon it the memory to come.

Keywords

Memory, power, truth.

A luta pela prevalência das percepções de fatos atuais e do passado e por suas textualidades que lhes dão consistência se mostra, de modo agudo, muitas vezes, uma batalha temporal. Instalada no presente, ela intenciona rearranjar o passado e instruir o futuro. Diz respeito a uma disputa em termos de entendimentos acerca de si, do outro e das relações entre ambos, sob vieses e enquadramentos que tornem uma específica visão – com seus condicionamentos e acomodações – a *visão*, em uma luta instituinte de versões que tentam, afinal, determinar significados, sobrepondo ou excluindo outros que possam lançá-los em controvérsias. Portanto, é a afirmação pela negação. Esse campo de disputa, mas também de negociação, é o amplo, movediço e instigante território da memória. Busca-se aqui discutir os modos como o crime socioambiental de Mariana, ocorrido em 5 de novembro de 2015, gerou e tem gerado narrativas díspares e, por vezes, antagônicas por parte, de um lado, dos antigos moradores das regiões atingidas e, de outro, pela Fundação Renova⁵. Valendo-se de estratégias e suportes midiáticos, a fundação e os atingidos buscaram, cada um a seu modo e com seus argumentos, acionar a memória tanto do acontecimento de 2015 quanto do próprio passado comunitário das antigas vilas que desapareceram em parte ou totalmente sob a lama.

Resulta este artigo do encontro e articulação de dois textos outros, que estudaram as narrativas do jornal *A Sirene*⁶ e dos vídeos de *storytelling*⁷ publicados pela Fundação Renova⁸. Ambos abordaram o ocorrido, suas anterioridades e consequências, a partir de perspectivas polarizadas. Como mostraremos à frente,

5 Entidade responsável pela mobilização para a reparação dos danos causados pelo rompimento. Foi fundada em 30 de junho de 2016, cf. discussão presente em Moreira (2019).

6 Publicação em formato físico e digital criado pela comunidade para denunciar negligências das organizações envolvidas e não deixar que o rompimento caia no esquecimento. Discussão presente em Bruck e Vargas (2019).

7 *Storytelling* é uma palavra em inglês que pode ser considerada sinônimo de contação de histórias. Desmembrando essa expressão tomada da língua inglesa, é possível afirmar que o *story* é a história em si e o *telling* é a forma como ela é contada. Esse último consiste em dar a forma a narrativa, e seu suporte é variado, podendo ser um livro, filme, música, mímica, vídeo etc.

8 Série composta por sete vídeos nos quais os atingidos contam as suas histórias e falam sobre o processo de reparação nas áreas ondem moram.

o jornal *A Sirene* se ocupou prioritariamente em suas 44 edições publicadas até janeiro de 2020 em oferecer, em tom prevalente de denúncia, narrativas sobre o terrível momento do rompimento da barragem – que destruiu parcial ou totalmente os distritos de Bento Rodrigues, Gesteira e Paracatu de Baixo – e os fatos que o antecederam e que apontavam para certa previsibilidade dessa tragédia. Em outro tom, afetuoso e nostálgico (NATALI, 2006), o jornal privilegiou narrativas das memórias dos moradores que foram arrancados de sua vida comunitária e de suas casas. Já a *Renova*, por sua vez, não deixou de se valer de acionamentos da memória, mas, estrategicamente, o fez de modo projetivo, apontando para o futuro. Enquanto o discurso do jornal feito pelos atingidos foi de resistência e luta contra o esquecimento do cotidiano das comunidades, o discurso da fundação criada especificamente para gerir as relações entre a empresa Samarco e os atingidos foi o de superação do ocorrido, de seguir em frente, olhando para o futuro.

Ao percebermos, nos mencionados estudos, modos de abordagem tão divergentes acerca do mesmo acontecimento – o rompimento da barragem – quisemos aproximar esses caminhos, acionando as noções de poder e verdade (FOUCAULT, 2007); a crítica de Namer (1987) à noção de memória coletiva e individual de Halbwachs (1990) e as reflexões de Andreas Huyssen (2014) sobre o lembrar e o esquecer, bem como a noção de testemunho de Pierron (2010). Ao enredar tais noções, buscou-se privilegiar uma principal perspectiva: a de como acionamentos da memória podem se dar em um contexto de disputa de significados e sentidos e os objetivos que lhes são subjacentes. Se os mencionados estudos nasceram bifurcados, agora se convergem para buscar compreender os modos como *A Sirene* e a Fundação *Renova*, com perspectivas até mesmo antagônicas, estabelecem seus acionamentos memorialísticos.

No caso empírico em tela, de um lado, o grupo de moradores atingidos pela destruição de sua comunidade e com graves danos ao meio ambiente, com suas intencionalidades singulares e (re)significações (in)tensas, seja em termos de um agir político próprio do ato de lembrar para impedir o esquecimento e

o apagamento do incidente que destruiu dezenas de moradias e que tirou a vida de dezenove pessoas⁹; seja no sentido de criar espaços e oportunidades para que os atingidos registrem e busquem preservar lembranças do passado de uma vida comunitária; seja, ainda, no sentido de que o rememorar se constitui como *locus* de resistência e de luta contra a impunidade dos responsáveis, além da busca e dos direitos pelos atingidos. De outro, a Fundação Renova, para quem a memória parece ser menos um ponto de chegada, mas sim de partida. Pode-se afirmar que, na observação dos vídeos produzidos pela fundação, tanto as memórias da vida comunitária dos moradores quanto o próprio rompimento são, em geral, apenas um *start* narrativo que introduz o discurso principal, que é o de reparação e de superação (e esquecimento) da tragédia.

Com estratégias, estéticas e linguagens específicas, *A Sirene* e os *storytelling* da Renova engendram acionamentos da memória de modos bem singulares. Para esta análise empírica, foram consideradas 44 edições de *A Sirene* e sete vídeos de *storytelling* da Fundação Renova. Valendo-nos, especialmente, da análise de conteúdo, buscou-se observar que estratégias narrativas o jornal e a entidade utilizam para acionar o memorável a partir de perspectivas tão distintas que, muitas vezes, chegam a se antagonizar. Além disso, analisamos como ambas utilizam suas forças discursivas para construir a memória por vir, sobre o que do rompimento será lembrado ou mesmo esquecido, apagado.

A opção pela análise de conteúdo (BARDIN, 2009; BAUER; GASKELL, 2013; FERRARA, 2010; FONSECA JUNIOR, 2014;) resultou de nosso objetivo de tentar compreender no cotejamento das textualidades de *A Sirene* e da Fundação Renova movimentos narrativos que nos pareceram, a princípio, polarizados e antagônicos ao acionarem a memória em perspectivas muito distintas, oportunizando, reflexões sobre a memória como disputa de sentidos, ou seja, sobre o jogo da memória como um jogo de poder e de luta pela afirmação de verdades.

9 Além das dezenoves mortes reconhecidas pela Samarco, há o caso da sobrevivente Priscila Monteiro, 28 anos, que luta pelo reconhecimento da vigésima vítima. Priscila estava grávida de três meses e sofreu um aborto no momento do rompimento da Barragem.

Compreendendo que se trata de narrativas em formatos distintos, durante a abordagem dos *corpora* de A Sirene e os vídeos de *storytelling* da Renova, nosso trabalho exploratório inicial foi de destacar tanto nas edições do jornal quanto nos mencionados vídeos, as matérias e reportagens (A Sirene) e os depoimentos e excertos de textos (vídeos da Renova) em que a memória surge como essência narrativa, buscando observar em que circunstâncias isso se dava e os possíveis sentidos ali propostos.

Memória, poder e verdades

Os estudos sobre a memória da primeira metade do século XX devem ser percebidos no contexto dos embates sobre este tema entre estudiosos de distintas áreas e perspectivas de conhecimento. Tanto a memória quanto conceitos e noções que lhe são conexos – como tempo, percepção, duração – foram, no início do século passado, objetos de forte interesse por parte de pensadores e estudiosos de áreas como filosofia, psicologia, física, antropologia, entre outras. Nos anos 1920, Henri Bergson e Albert Einstein¹⁰, por exemplo, se colocaram em entreencontro público em função de suas distintas concepções acerca de ideias como o tempo físico, o tempo filosófico e o tempo psicológico. Este debate se acentuou, especialmente, em relação à noção de *durée* (duração), formulada por Bergson. Também a noção bergsoniana de *memória pura*¹¹ foi tensionada por estudiosos das ciências sociais, nomeadamente pelo sociólogo francês Maurice Halbwachs, que formulou o conceito de memória coletiva. Para ele, o *lembrar* não pode ser efetivamente analisado se

10 Henri Bergson publicou, em 1922, *Duração e Simultaneidade: a propósito da teoria de Einstein*. Na obra, Bergson busca criticar as noções formuladas por Einstein sua teoria da relatividade e que fora escrito antes, em 1916-17, *A teoria da relatividade especial e geral (uma exposição popular)*. O modo de experimentação do tempo e as noções de duração, consciência e intuição estavam no cerne do debate entre os dois pesquisadores. Foi um embate direto curto, mas que se estendeu por décadas entre simpatizantes dos dois teóricos. Bergson entendia que se a filosofia e as outras ciências tinham o tempo como questão filosófica essencial, por outro lado, equivocaram-se ao negligenciar a abordagem metafísica, e mesmo espiritual, de como os indivíduos constituem suas experiências temporais. No entendimento do filósofo francês, quando se fala em tempo, tudo está em relação e conexão com tudo em um infinito e expansivo universo, que abarca desde o passado mais longínquo e virtual ao presente mais atual e efetivo.

11 Pode-se falar mesmo em uma especial e forte preocupação de Halbwachs em combater a noção de uma memória “pura” de Henri Bergson, que mais se aproximaria de uma memória emocional, também denominada lembrança-pura, definida por ele em *Memória e matéria*.

não forem considerados os contextos sociais que atuam como base para o trabalho de reconstrução da memória. Entre outros pontos importantes, Halbwachs divergia de Bergson por defender que a memória não permanece intacta em uma *galeria subterrânea* do indivíduo, mas sim emerge, na sociedade, fonte das indicações principais para a reconstrução de partes do passado.

Mas, mesmo considerando que é incontestável a força da memória individual na permanência do coletivo, o sociólogo francês entendia que só é possível manter essa memória coletiva se o grupo continuar a lembrar junto. Segundo Halbwachs (1990), o indivíduo que lembra está inserido na sociedade na qual possui um ou mais grupos de referência. Isso equivale a dizer que a memória é construída em grupo, podendo-se entender cada memória individual, portanto, como ponto de acerca da memória coletiva. Assim, o processo de estar inserido em grupos de referência que conversem sobre o acontecimento é essencial para manter uma memória viva.

Quando dizemos que um depoimento não nos lembrará nada se não permanecer em nosso espírito algum traço do acontecimento passado que se trata de evocar, não queremos dizer todavia que a lembrança ou que uma de suas partes devesse subsistir tal e qual em nós, mas somente que, desde o momento em que nós e as testemunhas fazíamos parte de um mesmo grupo e pensávamos em comum sob alguns aspectos, permanecemos em contato com esse grupo, e continuamos capazes de nos identificar com ele e de confundir nosso passado com o seu. Poderíamos dizer, também: é preciso que desde esse momento não tenhamos perdido o hábito nem o poder de pensar e de nos lembrar como membro do grupo do qual essa testemunha e nós mesmos fazíamos parte, isto é, colocando-se no seu ponto de vista, e usando todas as noções que são comuns a seus membros. (HALBWACHS, 1990, p. 36)

Cabe aqui, no entanto, uma problematização, mesmo que breve, acerca das noções de inspiração durkheimiana formuladas por Halbwachs na primeira metade do século XX e que têm sido, nas últimas décadas, em sua perspectiva antropológica, um dos principais e mais recorrentes aportes teóricos para os estudos da memória. Apesar de ainda possuir inegável atualidade, o entendimento do sociólogo francês de que a identidade coletiva influencia, mesmo acaba por

determinar o memorável na comunidade nos remete a um problema: o de considerar que a identidade tenderia a ser estável e coerente, desconhecendo, por assim dizer, a natureza dialógica, negocial, conflitiva e intertextual tanto da identidade quanto da memória (PERALTA, 2007). Tal perspectiva traz em si riscos de uma redução nocional, ao tentar fornecer explicações gerais para a compreensão de fenômenos sociais e culturais bastante complexos.

Com efeito, toda a dinâmica processual decorrente das disputas ocorridas no palco social pela hegemonia da memória, ou seja, as lutas pela dominação, os conflitos, os interesses antagônicos (sic) subjacentes à construção social do passado, está ausente da análise de Halbwachs. (PERALTA, 2007, p. 6)

Em *Mémoire et société*, Gérard Namer (1987) se detém sobre as ideias de Maurice Halbwachs, concordando com a ideia de que a memória é constituída dentro do grupo, mas, por outro lado, mas sem deixar de ponderar a relevância que possui o relacional – negociação e conflito – inerente a todo o processo de construção memorialística. Tal abordagem não mereceu uma atenção de modo mais articulado no pensamento de Halbwachs. Namer (1988), em “Affectivité et temporalité de la mémoire”, ao mencionar tal incompletude da obra de Halbwachs, morto no campo de concentração nazista de Buchenwald em 1945, assinala que o próprio pensador francês parece se ressentir da falta de uma maior clareza em termos da dimensão afetiva da temporalidade da memória coletiva¹², ideia que seria fundamental para a compreensão de como a memória coletiva se institui em termos dos quadros sociais da memória (família, religião e classe social).

Como esquecer e continuar Halbwachs nessa busca pelo tempo da afetividade da memória coletiva? A morte cruel do campo de concentração interrompe o trabalho e não se pode, a partir do manuscrito completo e que deve ser remodelado, *A memória coletiva*, inventar a coerência completa do segundo sistema, em particular o que poderia ser a afetividade dessa memória coletiva. [...] Uma frase no final de *A Memória Coletiva* resume

12 Halbwachs apontava três eixos importantes em que se desenhavam essa afetividade da temporalidade da memória: os quadros sociais da família, da religião e das próprias classes sociais.

seu último pensamento: “Se as várias correntes do pensamento coletivo nunca se penetram realmente e não podem ser colocadas em contato e mantidas em contato, é muito difícil dizer que o tempo voa mais rápido para um do que para o outro”. Temos, portanto, correntes de pensamento, de memórias que nunca se encontram, se necessário, que coexistem em feixes [...] Esquecer Halbwachs para continuar Halbwachs? Em nossa opinião, isso é possível desde que a afetividade do tempo seja movida para a afetividade do ritmo da memória, a afetividade da qualidade da memória (a afetividade da temporalidade gananciosa do comerciante, o ritmo da temporalidade religiosa). (NAMER, 1988, p. 9-14)¹³

Por isso mesmo, este artigo toma como princípio que a memória possui uma essencialidade cultural (LOTMAN, 1998) e que, neste jogo da verdade, na perspectiva foucaultiana¹⁴, ela resulta de complexas operações simbólicas e de construção social trespassadas pelas diversas dimensões, em especial a de poder e a de cultura, de disputa e de negociação. Mas pensar sobre as relações entre memória e verdade é, antes, dispor-se a um debate em instável terreno nocional. De saída, um aforismo tentativo pode ser o de que, se se assume um ocorrido, um valor, qualidade ou descrição como memória, é porque tal construção simbólica já é tomada como verdade. Ou, pelo menos, com a intenção ou desejo que assim seja ou que assim fosse. Por assim dizer, o memorável e o verdadeiro se cruzam e se retroalimentam na crença e interesses de quem os convoca e sustentam.

Falar, portanto, sobre memória é falar aprioristicamente sobre verdade. O que implica dizer que a disputa pela memória remete à disputa pela verdade.

13 Tradução nossa para “*Comment à la fois oublier et continuer Halbwachs dans cette recherche du temps de l’affectivité de la mémoire collective ? La mort cruelle du camp de concentration interrompt l’ouvre et on ne saurait à partir du manuscrit achevé et qui devrait être remodelé, La Mémoire collective, inventer la cohérence complète du second système, en particulier ce que pourrait devenir l’affectivité de cette mémoire collective. [...] Une phrase de la fin de la Mémoire collective résume sa dernière pensée : ‘Si les divers courants de pensées collectives ne pénètrent réellement jamais l’un dans l’autre et ne peuvent être mis et maintenus en contact, il est bien difficile de dire que le temps s’écoule plus vite pour l’un que pour l’autre’. On a donc des courants de pensées, de mémoires qui ne se rencontrent jamais, à la rigueur qui coexistent en faisceaux [...]. Oublier Halbwachs pour continuer Halbwachs ? C’est possible à notre avis à condition de déplacer l’affectivité du temps en affectivité du rythme de la mémoire, en affectivité de la qualité du souvenir (en affectivité de la temporalité cupide du marchand, du rythme de la temporalité religieuse)’.* (NAMER, 1988, p. 9-14)

14 A noção de jogos de verdade em Foucault aparece referenciada também em *Microfísica do poder* (2007) e *Dits et écrits: Vol. II* (2001). Jogos de verdade, para Foucault, dizem respeito ao conjunto de regras de produção de verdade, ou seja, ao conjunto de procedimentos que conduzem a um determinado resultado que pode ser considerado – em função de seus princípios e de suas regras de procedimento – como válido ou não. Podem também ser compreendidos como lugares e dimensões de enfrentamento social e sob a forma de “lutas ideológicas”. Jogos de verdade não se trata da descoberta do que é verdade, mas sim das regras que possibilitam a construção da fala (do discurso) de um sujeito sobre o que é verdadeiro ou falso em relação a determinados objetos, processos e circunstâncias.

Assumimos, neste trabalho, a perspectiva de Foucault (2007), para quem a verdade é produzida a partir de relações de poder, possibilitando, assim, regimes de conhecimento que determinam as percepções dos sujeitos. Cabe observar ainda que o pensador francês buscou, forte e transversalmente em sua obra, destacar que a noção de verdade não se encontra atrelada à ideia de universalidade e muito menos a uma essência que, estando escondida atrás de uma aparência, pode ser encontrada. Quando Foucault escreve sobre a verdade, portanto, ele não a conceitua como algo a ser descoberto. Pelo contrário, esta é sempre percebida como uma construção que tem como pano de fundo dinâmicos movimentos de pequenas redes de poder que atuam pelos mais dispersos dispositivos (BRUCK; VARGAS, 2019). Mais ainda, a questão da verdade não está exatamente ou exclusivamente neste jogo *do que é ou que não é verdadeiro*, mas sim em como uma *verdade* acaba por prevalecer.

[...] a verdade não existe fora do poder ou sem poder [...]. A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua política geral de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro. (FOUCAULT, 2007, p. 12)

Base fundamental da obra de Foucault também são os dispositivos. Em trabalho apresentado em anterior Encontro Anual da Compós (BRUCK; VARGAS, 2019), buscamos estabelecer possíveis entrecruzamentos, aproximações e aplicabilidades entre as noções de dispositivo e memória. Nosso entendimento foi o de que considerar textualidades midiáticas como dispositivos de memória possui rica potência heurística, na medida em que

[...] permite abordar processos presentes nas tensões entre lembrar e esquecer, tomando tanto as circunstâncias de acionamento do memorável quanto suas textualidades – verbais, imagéticas etc. – por meio das quais

se materializam os sentidos que propõem, além de outros acabam por proporcionar. (BRUCK; VARGAS, 2019, p. 2)

Ou seja, pensar o acionamento memorialístico a partir dos dispositivos mostra-se produtora pelo fato de também a memória, em sua essência cultural e simbólica, relacional e processual, existir em condições dispositivas. Por assim dizer, memória, poder e pretensas verdades se criam, se instituem e se reinventam em enfeixamentos de linhas de força, de enunciação, de luz e de subjetivação (DELEUZE, 2005), e passam a compor o infinito universo de discursos em que também tais representações e significações darão consistência ao simbólico do mundo. A consecução do memorável e das lembranças prevalentes – assim como o poder e a verdade – tem, por isso mesmo, um status marcadamente instável e temporário. Sempre em disputa e negociação, o passado nunca está concluído, mas reconfigura-se em função de tensões, desejos, interesses, conveniências, repactuações e anistias que se arranjam e rearranjam em movimentos invisíveis e subterrâneos, emergindo, posteriormente, nos tecidos da vida cotidiana. Em uma palavra, na aparência do mundo.

Memória de um acontecimento: disputas de sentidos

Foi no dia cinco de novembro de 2015 que a barragem de rejeito de minério de ferro, conhecida como *Fundão*, pertencente à empresa Samarco, controlada por duas das maiores mineradoras do mundo – a brasileira Vale do Rio Doce e a anglo-australiana BHP Billiton – se rompeu em Mariana (MG). Um volume de 43,7 milhões de m³ de lama vazou atingindo, no total, 39 municípios. Um dos principais rios brasileiros, o rio Doce, teve cerca de 400 quilômetros de sua extensão contaminados pela lama, que chegou até o mar, na altura do estado do Espírito Santo. Estima-se que mais de 500 mil pessoas foram afetadas direta e indiretamente, dezenove morreram e inúmeros danos foram causados ao meio ambiente.

Os povoados de Paracatu de Baixo, Gesteira e Bento Rodrigues foram os mais prejudicados. Esse último, que em 2015 tinha uma população estimada em 600 habitantes que viviam em cerca de 200 imóveis, foi totalmente destruído pela lama em poucos minutos. Os moradores, além do trabalho na mineração,

viviam da agricultura familiar e de subsistência, com destaque para a produção da geleia de pimenta biquinho, que se tornou um símbolo da região após a abertura de uma cooperativa empreendida por um grupo local de mulheres. O pequeno subdistrito de Santa Rita Durão era cortado pelo rio Gualaxo do Norte, cujo leito também praticamente desapareceu.

Retoma-se aqui Pollak (1992), para quem a memória desenha-se, forte e especialmente, a partir de três elementos: os *acontecimentos* vividos presencialmente ou por tabela e pelo grupo ao qual o sujeito se julga pertencer, os *lugares* relacionados às lembranças e as *pessoas* (*personagens*) que fizeram ou fazem parte da vida de quem rememora. No caso do rompimento da Barragem do Fundão, tais elementos são essencialmente constitutivos da chamada *tragédia de Mariana*. Nas narrativas processadas pela *Renova* e o jornal *A Sirene*, pessoas, lugares e o acontecimento em si são convocados pelas textualidades memorialísticas que se instituem nessa articulação. Parece ser impossível dissociá-los: as personagens, que morreram ou sobreviveram, o lugar, desaparecido sob os milhões de metros cúbicos de lama, e o acontecimento, com tal poder de transformação da vida de centenas de famílias e de impacto ao meio ambiente que acaba por impor-se por si próprio.

Mas se a polarização entre as narrativas de *A Sirene* e da Fundação Renova podem ser observadas na superfície das textualidades que tais atores produzem e fazem circular, delas emergem outra disputa, certamente mais ampla, profunda e complexa: entre o lembrar e o esquecer. Como buscaremos mostrar à frente, para o jornal dos atingidos, o permanente resgate de personagens, hábitos e festas da comunidade alimenta a memória do que se perdeu, sendo fonte potente para a luta contra a impunidade e defesa dos direitos dos atingidos. Já os vídeos de *storytelling* da Fundação Renova, mesmo tomando como ponto de partida narrativo o sentimento de perda e aspectos da memória da vida comunitária, logo avançam para outro tom, o da reparação, da superação e da esperança de que a vida, afinal, será até melhor que a anterior, antes da destruição das comunidades. Um discurso que estrategicamente aponta para o futuro. Impossível não considerar que tal estratégia acaba por induzir a um tipo de apagamento do rompimento.

Huysen (2014) chama a atenção para o que considera uma excessiva importância dada à memória e, de outra feita, o “muito silêncio que plana sobre o esquecimento na cultura média contemporânea” (HUYSEN, 2014, p. 30). Para ele, recordar e esquecer são operações que não devem ser percebidas como meras oposições mecânicas e simplistas. O esquecimento, para Huysen, deve ser percebido “num campo de termos e fenômenos tais como o silêncio, a ausência de comunicação, da desarticulação política, a evasão, da erosão cultural, a repressão política e/ou institucional” (HUYSEN, 2014, p. 31). Ou seja, o esquecimento pode resultar de operações tão complexas quanto as da memória. Mais ainda, assim como a memória, o esquecimento é construído e pode ser imposto ou mesmo negociado (HUYSEN, 2014). Ele resulta de emudecimentos, embotamentos, tolhimentos, desconsiderações, rearranjos nas perspectivas dos acontecimentos do passado ou mesmo sua total negação. Se memória é presença de uma ausência, o esquecimento resulta da negação e anulação simbólica do referente. Por assim dizer, a morte definitiva das coisas, dos acontecimentos e das pessoas.

Passados mais de quatro anos da tragédia do Fundão, em Mariana (MG), pode-se observar uma disputa nada silenciosa entre a Samarco e os atingidos pelo crime socioambiental em termos dos discursos e textualidades e a memória em torno do ocorrido.

A Fundação Renova: promessa de reparação

Obras atrasadas, falta de pagamento das indenizações, atingidos morando em áreas com risco de deslizamento de terra, falta de respostas aos questionamentos e demandas. Esse era o cenário no início de 2020 para os atingidos. A entidade responsável pela mobilização para a reparação dos danos causados pelo rompimento é a Fundação Renova¹⁵, criada em 30 de junho de 2016. A organização afirma

15 Organização sem fins lucrativos, desenvolvida a partir de um Termo de Transação e Ajustamento de Conduta (TTAC) assinado em 2 de março de 2016, entre Samarco Mineração – com o apoio de suas acionistas, Vale e BHP Billiton –, o governo federal, os governos estaduais de Minas Gerais e Espírito Santo e outros órgãos governamentais. Esse termo define o seu escopo da atuação.

que atua por meio de 42 programas sociais¹⁶ que englobam, por exemplo, as indenizações, a reconstrução das comunidades, a garantia de educação e saúde aos atingidos e a recuperação ambiental.

A Renova busca dar visibilidade, por meio de variadas estratégias de comunicação, ao trabalho que tem realizado nas regiões atingidas. Uma delas é a série de *storytelling* audiovisuais “Histórias no Caminho da Reparação”, lançada em setembro de 2018. Até julho de 2019, já haviam sido divulgados oito episódios no portal e nas redes sociais Facebook e YouTube da organização, sendo que um dos vídeos foi excluído das páginas¹⁷. Em cada episódio, uma pessoa que foi atingida dá o seu relato, por meio de uma narrativa marcadamente memorialística e testemunhal, sobre o ocorrido e a respeito do processo de reparação.

No nosso entendimento, a Fundação Renova busca, por meio desses relatos que lhes são favoráveis, construir uma nova memória pós-rompimento e dar um novo significado para o acontecimento. Apesar de os atingidos abordarem em seus depoimentos o cenário de destruição, eles exaltam o processo de reparação, enfatizando, muitas vezes, que eles terão um futuro melhor, com mais infraestrutura e oportunidades por meio dos feitos da Fundação Renova. Mas vale retomar que a construção da memória é um processo relacional. É necessário que haja pontos em comum com outras memórias, uma vez que, como destacou Halbwachs (2004), ela precisa ser construída sobre uma base comum.

Na Tabela 1 apresentamos os temas dos vídeos com suas respectivas temáticas e o modo como a memória aparece na narrativa.

16 Estes programas se desdobram em três eixos: *Pessoas e Comunidades*; *Terra e Água*; e *Reconstrução e Infraestrutura*. Para executar as ações, consideradas de longo prazo, a Fundação Renova reúne técnicos e especialistas de diversas áreas de conhecimento para trabalhar no processo de reparação, de Mariana à foz do rio Doce. Disponível em: www.fundacaoRenova.org/conheca-os-programas/ Acesso em: 23 jun. 2019.

17 Fizemos diversos contatos com a Renova e com a agência que produziu a série, a Komuh, com o objetivo de saber o motivo que levou a exclusão de um dos vídeos, mas não obtivemos retorno.

Storytelling	Conteúdo do vídeo	Modo de acionamento da memória
Episódio 1 (Zezinho Café) – 2018	Zezinho elogia o reassentamento de Bento Rodrigues, onde criou os seus cinco filhos e que ajudou a fundação a encontrar o terreno onde será erguida a nova comunidade.	Relata como foi difícil ver a sua casa e a sua horta sendo cobertas pelos rejeitos de minério, mas não perdeu as esperanças de superar o rompimento e de reconstruir a sua vida
Episódio 2 (Seu Zezinho) – 2018	Fundação Renova ressalta as ações que está realizando para recuperar e restaurar os instrumentos e outros acessórios que compunham a festa de Folia de Reis, celebração tradicional na região de Paracatu de Baixo.	Relembra a época que começou a realizar a festa de Folia de Reis. Também resgata na memória o momento em que, em meio a tanta lama, viu que a bandeira do Menino Jesus ficou intacta, o que considerou um milagre.
Episódio 3 (Romeu) – 2018	Fundação Renova mostra-se disposta a ouvir os atingidos que participam do projeto de reconstrução da comunidade.	Romeu descreve o momento em que viu a comunidade de Paracatu de Baixo, onde morava, sendo destruída pela lama.
Episódio 4 (Luciana Cunha) – 2018	Luciana fala sobre a infraestrutura que está sendo construída em Regência (ES) para voltar a estimular o turismo local, que estava em plena ascensão quando o rompimento aconteceu.	Relembra o processo de transição em sua carreira profissional para abrir uma empresa de ecoturismo. Com o rompimento, perdeu sua principal fonte de renda. Atualmente, consegue se manter ajudando a monitorar a água, assim como têm feito muitos moradores e pescadores da região.
Episódio 5 (Waldir Pollack) – 2018	Retrata como Waldir, morador de Paracatu de Baixo, retomou suas atividades e plantações pós-rompimento. Waldir relata que a Renova atendeu o seu pedido de molhar a estrada em frente a sua casa quatro vezes por dia para diminuir a poeira.	Lembrança do período em que perdeu sua mulher para o câncer e decidiu se mudar de Belo Horizonte para o campo para produzir o próprio alimento sem agrotóxicos. Mas, em 2015, sua fazenda, que fica à beira do rio Gualaxo, foi parcialmente atingida pelo rompimento da barragem.
Episódio 6 (Leonídio Anselmo) – 2018	Leonídio fala sobre o Auxílio Financeiro Emergencial que é pago mensalmente pela Fundação Renova para pessoas que sofreram impacto direto na sua atividade econômica ou produtiva em função do rompimento.	Relembra como era a sua plantação antes do rompimento e também fala sobre as enchentes que já aconteceram no rio Doce e afetaram a sua comunidade, sendo a do rompimento a pior delas, pois a água se juntou a uma enorme quantidade de lama.
Episódio 7 (Keila dos Santos) – 2019	Keila diz que está entusiasmada com obras de Bento Rodrigues e com os conhecimentos adquiridos nos cursos profissionais fornecidos pela Fundação.	Lembra do momento em que viu a destruição causada pelo rompimento e de como isso marcou a vida das pessoas.

Tabela 1: Conteúdo dos vídeos da Fundação Renova

Fonte: elaborada pelos autores.

Se observarmos e cotejarmos as colunas “Conteúdo...” e “Modo de acionamento...”, uma interpretação possível é de que o investimento discursivo proposto neste conjunto de vídeos de *storytelling* aponta – mesmo que neles se incorpore de modo pasteurizado o rompimento da barragem e seus efeitos – para uma ressignificação do acontecimento e formas possíveis de superação. Como já mencionado, um futuro até mais promissor que a vida que antecedeu tudo aquilo que o crime ambiental de Mariana. No episódio sete, Keila dos Santos, moradora de Bento Rodrigues, lembra que perdeu a casa e a fábrica em que produzia geleias de pimenta biquinho. Ela afirma que o rompimento é sempre pauta de suas conversas na comunidade e que ele nunca será esquecido.

Sei que a gente não consegue esquecer. O que mais sai nas nossas conversas é que o que aconteceu com a gente. Acho que é uma coisa que ficou e vai ficar marcada para o resto da vida. [...] Nunca perdemos as esperanças de ter um novo Bento, né? Mas eu acho que a esperança ficou mais forte quando a gente viu que começaram as obras aqui na lavoura. Para mim está um sonho, né? Agora, um sonho que vai virar realidade quando eu estiver morando nele (FUNDAÇÃO RENOVA, 2019).¹⁸

Além de ressaltar como está entusiasmada em ver as obras de reconstrução de Bento Rodrigues em andamento, onde ela vai ter uma nova casa, ao longo do seu discurso, Keila afirma que participou de cursos promovidos pela Fundação Renova em parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae).

Keila destaca que nos cursos recebeu dicas de como administrar as partes jurídica e contábil de empresas, além de aprender como criar perfis empresariais nas mídias sociais – aprendizados que, segundo ela, vão ser úteis para ela administrar a associação. Em um trecho do Episódio 8 (4:53), ela mostra a planta da futura comunidade e conta que está animada com a construção da casa, no local onde ela escolheu.

O vídeo de Keila é um forte exemplo do que aqui denominamos de jogo temporal e de como a memória, assim como as tensões entre lembrança

18 Disponível em: <www.caminhodareparacao.org/keila-dos-santos/> Acesso em: 04 jul. 2019.

e esquecimento, resulta de embates e estratégias de produção de sentido. Os atingidos pela barragem estão inseridos em grupos de referência, nos quais, provavelmente, o acontecimento do rompimento não será esquecido, mas sim permanentemente ressignificado.

Outro depoimento que compõe a série é o do morador Romeu. Ele morava em Paracatu de Baixo, subdistrito de Monsenhor Horta (MG), e relembra o momento em que viu sua casa ser destruída pela lama.

Eu vi um mar de lama de um metro e meio, aquilo ali pegava essas casas de canto virado e empurrava elas, era a mesma coisa de estar empurrando um isopor. Quando eu vi, minha casa foi aguentando, foi aguentando e, quando chegou meio metro para chegar no telhado, ela não aguentou não, as paredes estouraram. Aí nessa hora aí, vou falar com vocês, eu perdi o chão. (FUNDAÇÃO RENOVA, 2019)¹⁹

Depois do rompimento, ele se tornou membro da comissão que representa a comunidade e, atualmente, trabalha nas obras de reassentamento de Bento Rodrigues. No vídeo, Romeu destaca que a Fundação Renova fez vários esboços do projeto de reconstrução da comunidade até chegar a um resultado que agradou a população: “Depois da aprovação, eu não conseguia nem falar de tanta felicidade que a gente estava” (FUNDAÇÃO RENOVA, 2019). Ou seja, ele busca reforçar que a organização está disposta a ouvir e trabalhar alinhada aos direitos dos atingidos. Romeu também se mostra aparentemente satisfeito com o local onde será construída a sua nova casa.

A Sirene: a luta contra o esquecimento

Além da Fundação Renova, há várias outras forças e tensões perpassando os discursos e o processo de construção da memória sobre o rompimento da barragem de Fundão. Uma delas é a do jornal *A Sirene*, lançado exatamente 90 dias depois do incidente, no dia 5 de fevereiro de 2016. Com edições mensais,

19 Disponível em: <https://www.caminhodareparacao.org/historias-no-caminho-da-reparacao-romeu/>. Acesso em: 04 jul. 2019.

em versões impressa e digital, é produzido pelos próprios atingidos pela tragédia e mantido por um acordo entre moradores de Bento Rodrigues, professores e alunos das Universidades Federais de Ouro Preto (UFOP) e de Minas Gerais (UFMG) e assessorias direcionadas aos atingidos e movimentos sociais e coletivos. A publicação, no início, contava com um grupo de mais de 70 pessoas, incluindo organizadores e colaboradores (BRUCK; VARGAS, 2019).

A *Sirene* deixa bem claro seu propósito de buscar dar voz aos atingidos pelo rompimento da barragem já em seu próprio *slogan*: “Feito pelos atingidos. Para os atingidos. Para não esquecer”. O jornal privilegia a divulgação de temas como as dificuldades encontradas pelas famílias após verem suas casas e hábitos cotidianos serem soterrados por um mar de lama e rejeitos. Procura, também, esclarecer dúvidas quanto a direitos e questões ambientais e legais da exploração mineral e, principalmente, não deixar que o acontecimento de 2015 caia no esquecimento.

No jornal *A Sirene*, os movimentos discursivos são de demarcação de direitos, de cobrança de reparação imediata, de atuação também imediata e justa por parte dos poderes constituídos e de acionamento da memória. Articulando lembranças de passados remoto e recente, as indefinições do presente e indagações acerca do futuro, o jornal dá amplo espaço para os moradores contarem como eram suas vidas nas áreas atingidas. Eles também denunciam, recorrentemente, o preconceito vivido pelos moradores que decidem lutar pelos seus direitos, uma vez que essa luta não recebe pleno apoio de toda a população de Mariana, haja vista que parte considerável da economia da cidade – e, portanto, trabalhadores, comércio e o próprio poder público municipal – sobrevive das atividades e impostos da mineração.

A título de exemplificação – dado o amplo conjunto de textualidades colhidos no levantamento exploratório – apresentamos na Tabela 2, que reúne trechos que consideramos mais relevantes de acordo com a perspectiva deste estudo, matérias e reportagens de *A Sirene* em que a memória se apresentou não apenas como tema, mas também como estratégia narrativa, dados os objetivos do jornal de lutar contra o apagamento e o esquecimento.

Matéria/reportagem	Conteúdo do texto	Modo de acionamento da memória
"Um ano sem 'lá fora'" – novembro de 2016 (Artigo)	Angélica, professora da escola pública da Paracatu de Baixo, relata a saudade do contato com a natureza que aquela região proporcionava, como sentir o vento no rosto, escutar o som dos pássaros e andar descalça na grama.	Afirma que, em sua memória, sente o cheiro do mato pisado e ouve a risada das crianças subindo em árvores. Na entrada da sua casa, tinha uma amoreira que fazia a alegria das crianças e dos passarinhos. Cada casa de Paracatu, por menor que fosse, segundo ela, tinha flores, horta, pelo menos uma árvore e um pé de fruta.
"Histórias da nossa gente" – maio de 2017 (Matéria)	A matéria busca retratar o que a tragédia significou para os atingidos em termos de sua vida pessoal. Um dos entrevistados é um senhor de 69 anos, Zé Barbosa, que perdeu cinco propriedades em Bento Rodrigues.	Ele relata o quão difícil é esquecer o barulho da lama chegando ao município. Na hora de dormir, precisa ligar o rádio para conseguir passar a noite. Escuta as músicas e isso o ajuda a se distrair.
"Ser da roça" – agosto de 2017 (Reportagem)	Tenta mostrar como a vida interiorana, com seus costumes, hábitos e tranquilidade foi atingida pela lama. Moradores desses lugares interioranos, com seus modos de vida tão particulares, tiveram que se readaptar.	Neste texto, vários moradores das comunidades atingidas falam sobre suas vidas antes e depois do rompimento. Um dos depoimentos é de Daniela Castro, moradora de Barra Longa. Ela afirma como perdeu a tranquilidade em sua comunidade, pois diariamente passam vários caminhões e máquinas fazendo barulho e levantando poeira.
"Saberes que continuam" – abril de 2018 (Reportagem)	O jornal compartilha saberes de moradores das comunidades atingidas e suas relações com as tragédias culturais desses lugares.	Uma das entrevistas é dona Laura, que nasceu em Paracatu de Baixo. Ela relembra como era sua rotina na época em que produzia o seu tradicional pastel frito e vendia para a população da região. Muita coisa, entre elas as suas louças, ficaram debaixo da lama.
"Tradição em risco" – janeiro de 2018 (Matéria)	Conta a história de garimpeiros(as) e pescadores(as) que moram próximos ao rio Doce. Retrata como esses ofícios são passados de geração em geração, mas, depois do rompimento, correm o risco de serem extintos.	O garimpeiro José Márcio Lazarini recorda o seu tempo de criança, quando ia garimpar com o seu pai no rio Doce. Chegaram a ficar 30 dias no rio até ele aprender o ofício. Ele questiona como, depois do rompimento, os netos vão garimpar se não aprenderam? Enquanto o rio não estiver limpo, não é possível ensiná-los.
"As conversas de calçada" – outubro de 2019 (Matéria)	Matéria composta de depoimentos de adolescentes que se reuniam nas calçadas de Bento Rodrigues para contar histórias, segredos e piadas. Ainda que a tecnologia possibilite outras formas de contato, elas afirmam que nada pode substituir aqueles momentos cotidianos de troca.	As adolescentes lembram como eram felizes com a oportunidade de, sentadas por horas nas calçadas, compartilhar experiências e histórias de Bento. Maria Eliza e Ana Luiza contam que cada dia elas se reuniam em um ponto diferente, passando por todo o povoado. Falavam sobre os mais variados assuntos.
"Quase imbatíveis" – janeiro de 2020 (Reportagem)	Destaca os desafios que os jogadores do time de futebol masculino de Bento Rodrigues, o União São Bento, enfrentaram com a mudança para Mariana.	Onésio Isabel de Souza rememora os tempos de criança, quando morava em um povoado próximo a Bento e jogava bola no campo de lá. Com 16 anos, entrou para o time de Bento e coleciona inúmeras histórias. Hoje, em Mariana, afirma que o time perdeu muitas de suas características e tradições.

Tabela 2: Conteúdos de *A Sirene*

Fonte: elaborada pelos autores.

Como pode-se observar nos textos indicados na Tabela 2, em *A Sirene* o testemunho é um recurso narrativo recorrente, o que denota, por assim dizer, a essência também testemunhal da memória. Pierron (2010) nos lembra que o testemunho traz em seu núcleo um paradoxo: a verdade estaria menos do lado da objetividade que se pode esperar das provas e dos argumentos do que do lado da subjetividade da experiência e da emoção. O testemunho atestaria, portanto, uma verdade que, não sendo objetivamente suficiente, o é, porém, subjetivamente. Sua possibilidade residiria em selar, com a marca da confiabilidade ou da fidelidade, a relação do testemunho com sua testemunha. Esta, por sua vez, faz da verdade a história da sua própria vida, mas cujo sentido só existirá na apreensão pelo outro (PIERRON, 2010).

É que o testemunho carrega uma faceta relacional. Ele não existe sem diálogo, pois só existe diante dos outros e para os outros. Não há testemunha para si, nem sozinha. Ela é, inevitavelmente, intersubjetiva. Mas a testemunha atesta e traz em si mais do que si mesma. É portadora de uma verdade – forjada na experiência – que, por isso mesmo, não pode ser reduzida a uma mera opinião. E, portanto, é também performativa. Ou seja, um sujeito que fala como um sujeito que age.

Espécie de encruzilhada na visibilidade, ícone mais do que ídolo, o testemunho mede a diferença essencial entre aquele que testemunha e aquilo que ele testemunha. Deslocamento do sobrevivente que se dirige ao presente a partir de um fundo de ausência, assim é o testemunho. O testemunho vem sempre em segundo lugar, insistindo naquilo a que não se pode mais assistir. (PIERRON, 2010, p. 30)

Um dos depoimentos testemunhais que compõem a edição de novembro de 2017 de *A Sirene* é o da ex-moradora de Bento Rodrigues, Maria das Graças Quintão. Ela fala com muito afeto da vida comunitária que foi perdida após o rompimento:

A gente podia dormir com a janela aberta e todo mundo morava perto. Eu via todo mundo, todo dia. Os vizinhos, a gente gritava um e outro do muro. Dona Penha me gritava de lá, eu gritava de cá. Quase toda reunião

que tinha era na praça. Quando tinha festa, o som e as brincadeiras também eram na praça. [...] Não tem graça brincar mais, porque a gente não vê quase ninguém. (A SIRENE, 2017, p. 4)

É esse entrecruzamento de narrativas memorialísticas – com intensa utilização do recurso testemunhal – que fazem emergir lembranças a respeito de pessoas, lugares e acontecimentos, destacadamente o rompimento da barragem “que tudo soterrou”, que *A Sirene* faz circular.

Embates pela memória: A Sirene e a Fundação Renova

Enquanto a Fundação Renova aponta para o futuro, para a superação, para a reparação e para a renovação, como o próprio nome da instituição indica, o jornal *A Sirene* destaca o passado, o que foi perdido e a dificuldade de reconstruir o presente. A memória é acionada pelo jornal com o intuito de impedir que a história daqueles moradores, das ruas e praças que desapareceram ou do rio que foi destruído sejam esquecidos. A começar pelo nome do jornal, *A Sirene: Para não esquecer*, a publicação deixa claro que um de seus principais objetivos é o agendamento permanente do acontecimento que mudou a vida de tantas pessoas. O nome é uma referência à sirene que não foi tocada no momento do rompimento da barragem como forma de alertar os moradores de Bento Rodrigues para as dezenas de milhões de metros cúbicos de lama e rejeitos que estavam a caminho.

Em nosso levantamento, o que se observou é que, taticamente, o acionamento das lembranças dos atingidos busca assegurar mais que um efeito de legitimidade ao instituir a verdade das consequências do rompimento da barragem. Outro assunto que sempre emerge dos testemunhos no jornal são as informações sobre as negligências e o funcionamento da Fundação Renova. Encontramos matérias que falam sobre a entidade em 35 das 44 edições já publicadas, duas em 2016; 13 em 2017; 11 em 2018 e nove em 2019. A primeira delas, intitulada “Ainda decidem por nós” foi divulgada na edição de outubro de 2016. Nela, são explicados como a fundação foi criada, para que serve, como ela funciona e quem está por trás dela. Em um trecho, expõe como os atingidos devem ficar

atentos às negociações, uma vez que a organização é movida por interesses das mineradoras responsáveis pelo rompimento.

Como 90% do poder de decisão da Fundação é de pessoas indicadas pela Samarco e suas acionistas, é preciso estar atento às suas futuras ações. Sem a garantia do envolvimento de todas as partes interessadas, essa gestão, por exemplo, definirá o valor da indenização a ser repassada para a hidrelétrica de Candonga, fechada desde o rompimento, cuja principal proprietária é a Vale. (A SIRENE, 2016b, p. 4)

Em outra matéria, que tem como título “O que eles não querem entender”, publicada na edição de janeiro de 2019, os moradores expõem o descaso da Fundação Renova para com as casas que eles mesmos tiveram que construir, uma vez que as obras e construções prometidas pela organização estão atrasadas e, muitas delas, não saem do plano da promessa.

Para os moradores (as) das comunidades atingidas, o rompimento foi só o início do que viria pela frente. Hoje, além de lutar por uma reparação justa, eles (as) lidam de forma constante com o desmerecimento da Fundação Renova em relação às moradias que eles mesmos haviam construído, já que as empresas afirmam que as casas foram, na verdade, mal feitas. Com essa alegação, a Renova tenta se esquivar a todo momento da responsabilidade pelos desdobramentos do crime quando se trata das casas trincadas por causa do tráfego de caminhões nas cidades após o desastre e, sobretudo, não é capaz de entender que, mesmo diante de uma reconstrução ou uma nova construção nos reassentamentos, os modos de vida desses (as) moradores (as) já foram alterados. (A SIRENE, 2019a, p. 4)

A última matéria sobre a organização divulgada até o fechamento deste artigo em janeiro de 2020 foi veiculada na edição de novembro de 2019, mês em que o rompimento completou quatro anos. Intitulada “É questão de justiça, sim”, ela reúne informações que demonstram a burocracia que os atingidos enfrentam diariamente na busca de seus direitos. A moradora de Bento Rodrigues, Marinalda Aparecida da Silva Muniz, questiona: “Quando teremos nossas vidas de volta? Paramos no tempo desde o dia 05 de novembro de 2015, apertaram o *stop* das nossas vidas. Quando teremos o direito de apertar o *play*?” (A SIRENE,

2019b, p. 12). Em outro trecho, mais informações que denunciam o descaso das organizações envolvidas.

Já se passaram quatro anos, 1.460 dias e 35.040 horas que a vida dos (as) atingidos (as) se transformou em uma rotina sufocante de reuniões, audiências, comissões, negociações e denúncias em busca de reparação justa e integral. Ainda assim, é evidente o descaso da Fundação Renova/ Vale/ Samarco/ BHP Billiton nas negociações, o que dificulta cada vez mais que os (as) atingidos (as) retomem suas vidas. (A SIRENE, 2019b, p. 12)

Importante considerar ainda que, em relação às edições de *A Sirene* e dos vídeos da Renova, durante o detalhamento de nossos levantamentos identificamos que três atingidos entrevistados pelo jornal *A Sirene* também participaram dos vídeos de *storytelling* da Fundação Renova: Seu Zezinho, Waldir Pollack e Keila dos Santos. Pudemos observar como os discursos dos atingidos são apropriados de modo distinto pelas duas narrativas – a da Sirene e a da Renova.

Zezinho, por exemplo, foi entrevistado pelo jornal em dois momentos, em 2016 (A SIRENE, 2016) e 2017²⁰. Em ambas as reportagens, ele fala sobre como foi difícil perder a sua casa e todos os seus instrumentos musicais que utilizava para comandar a festa de Folia de Reis, celebração tradicional na região de Paracatu de Baixo. Já no vídeo da Renova, divulgado em 2018, a instituição insere várias legendas sobre a fala dele, com o objetivo de ressaltar as ações que está realizando para recuperar e restaurar os instrumentos e outros elementos e acessórios que compunham a celebração.

Já Waldir conta como sua horta foi destruída pela lama na edição do jornal de fevereiro de 2018. No *storytelling* da Renova, gravado no mesmo ano, ele também destaca as suas perdas, mas a Fundação busca enquadrar o seu discurso mostrando de que modo ela vem atendendo aos pedidos do morador, dentre eles, molhar a estrada em frente à sua casa quatro vezes por dia para diminuir a poeira. Por sua vez, Keila é entrevistada em uma matéria do jornal *A Sirene*

20 Vídeo da entrevista disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uWgXB8OU910>. Acesso em: 28 dez. 2019.

em 2017 na edição de novembro. Na reportagem, ela afirma que: “Deus deixou a gente sair disso com vida por um propósito: para lutar!” (A SIRENE, 2017). Desabafa que, apesar de ter conseguido dar continuidade à produção da pimenta biquinho em Mariana, o que o que mais quer é voltar a trabalhar do jeito que era em Bento Rodrigues, desde a plantação até o produto final. No vídeo da Renova, publicado em 2019, como já abordamos, o tom é diferente. Ela destaca o que perdeu, mas o foco principal é como ela está animada com a planta da casa nova e com a reconstrução de Bento Rodrigues.

Vale ressaltar também que, diferente do que aconteceu com *A Sirene*, não encontramos nos canais de comunicação da Renova nenhuma menção ao jornal. É como se esse dispositivo, o jornal que visa manter e propagar as memórias da destruição, não existisse ou fosse deliberadamente apagado, silenciado, uma vez que a fundação busca disseminar um discurso de reparação. Para produzir a série de *storytelling* “Histórias no Caminho da Reparação”, a Renova selecionou atingidos que abordam a destruição causada pelo rompimento, mas destacam, principalmente, a busca da superação do ocorrido, sempre com o apoio da fundação.

Além disso, a maioria dos relatos testemunhais diz respeito ao âmbito privado. Os atingidos narram as melhorias que experimentam em sua vida pessoal e, muitas vezes, sequer se referem às dificuldades e desafios que os demais vizinhos e amigos da comunidade enfrentam desde o rompimento. Por meio dessas histórias, a Renova tenta fazer da ruptura que foi o rompimento da barragem um momento novo, de reconstrução, buscando transmitir a ideia de que os atingidos certamente terão um futuro melhor. Ela utiliza a força dos testemunhos para dar autenticidade aos seus discursos e ao trabalho de reparação. Porém, a maioria dos depoimentos nos vídeos refere-se ao futuro, portanto, ao plano da promessa. Em alguns episódios, são exibidas maquetes arquitetônicas, áreas onde serão construídas algumas estruturas que foram perdidas, funcionários em tratores preparando os terrenos para receberem as casas, entre outras imagens. Mas tudo isso comprova que, mesmo depois de mais de quatro anos do rompimento que causou tantos danos, muitos deles irreparáveis, para a sociedade e para o meio ambiente, poucas ações foram concluídas.

Considerações finais

Resistir e re-existir, mais do que um jogo de palavras, na atualidade ganham força em função das reações ao avanço do panconservadorismo na vida cotidiana em todo o planeta e se colocam como uma obrigação imediata diante das perdas, dos descaminhos e dos retrocessos que populações, comunidades e pessoas, especialmente os mais fragilizados, vêm sofrendo de modo mais agudo. No caso em análise, o destroçamento da vida das comunidades atingidas do Fundão se junta no espaço e no tempo a tantas outras graves e tristes histórias de comunidades atingidas pela indevida e criminosa exploração do meio ambiente em uma economia que destrói o planeta e milhares de vidas em todo o mundo, uma economia da morte. Nosso entendimento é de que, para *A Sirene*, mobilizar-se contra o apagamento e o esquecimento é um dos objetivos centrais dos atingidos pelo rompimento da barragem do Fundão: a tentativa da permanência da memória de um “antes” – a vida comunitária, as relações sociais, o cotidiano comum, o sentimento de pertença – e a memória do terrível rompimento que soterrou tudo isso. É preciso lembrar do antes e daquilo que o descontinuou, pois é neste jogo temporal que os atingidos da barragem do Fundão batalham, no âmbito da memória, contra a perda de suas raízes comunitárias e culturais ou, como enfatizado por Bosi (2012), lutam pelo seu direito ao enraizamento, que é um direito do ser humano. A memória atua como essência da identidade.

Já a Fundação Renova, cuja comunicação tenta expressar boas intenções para com os atingidos e sinalizar para um futuro de reparação e melhor em termos de oportunidades e condições de vida, submete a memória do acontecimento – o rompimento e suas consequências – a instigantes estratégias narrativas. O ocorrido – visto como trágico e sem dolo – é um antes sem antes, um passado desprocessualizado e a-histórico. O sofrimento pelas perdas de vidas tão próximas e a nostalgia (NATALI, 2006) em relação aos lugares, aos amigos e familiares perdidos e a vida comunitária são sobrepostos pela promessa de um futuro novo, progressista e de muita esperança. Os significados de *reparação* nos vídeos da Renova parecem ganhar sentido de *superação* e seguir em frente sugere pressupor, em alguma medida, esquecer. Apagamento como estratégia do esquecimento.

Essencialmente polarizados e antagônicos, os movimentos discursivos de *A Sirene* e Fundação Renova oferecem a oportunidade de refletirmos sobre as ações de lembrar e esquecer e de que o jogo da memória se coloca essencialmente como um jogo da verdade. Como nos indica Foucault, a verdade não existe fora do poder ou sem poder; ela se produz e se reproduz em jogos em que é aceita como tal mediante disputas e coerções (FOUCAULT, 2007). Nosso entendimento é que *A Sirene* e a Fundação Renova mobilizam suas forças, táticas e competências discursivas e linguageiras para, na atualidade, não apenas acionar fatos passados – o memorável – mas nele também construir a memória por vir, o que reforça o entendimento de que todo registro do presente parece efetivamente se justificar se ambiciona realizar-se como memória.

Referências

A SIRENE. Mariana: Atingidos pela Barragem de Fundão: Arquidiocese de Mariana, jun. 2016a. Disponível em: https://issuu.com/jornalasirene/docs/a_sirene_ed3_junho_issuu. Acesso em: 28 dez. 2020.

A SIRENE. Mariana: Atingidos pela Barragem de Fundão: Arquidiocese de Mariana, out. 2016b. Disponível em: https://issuu.com/jornalasirene/docs/sireneoutubro_issu. Acesso em: 14 jan. 2019.

A SIRENE. Mariana: Atingidos pela Barragem de Fundão: Arquidiocese de Mariana, nov. 2017. Disponível em: https://issuu.com/jornalasirene/docs/a_sirene_-_ed.20. Acesso em: 14 jan. 2019.

A SIRENE. Mariana: Atingidos pela Barragem de Fundão: Arquidiocese de Mariana, fev. 2018. Disponível em: https://issuu.com/jornalasirene/docs/jornal_a_sirene_-_ed.23_-_2_anos. Acesso em: 28 dez. 2019.

A SIRENE. Mariana: Atingidos pela Barragem de Fundão: Arquidiocese de Mariana, jan. 2019a. Disponível em: https://issuu.com/jornalasirene/docs/janeiro_2019_issuu. Acesso em: 14 jan. 2019.

A SIRENE. Mariana: Atingidos pela Barragem de Fundão: Arquidiocese de Mariana, nov. 2019b. Disponível em: https://issuu.com/jornalasirene/docs/edi__o_43_novembro_issuu. Acesso em: 28 dez 2019.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2009.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis, Vozes, 2013.

BOSI, E. Memória: enraizar-se é um direito fundamental do ser humano. [Entrevista concedida a] Mozahir Salomão Bruck. *Dispositiva*. Belo Horizonte, n. 2, p. 196-199, 2012.

BRUCK, M. S.; VARGAS, H. Narrativas da memória como dispositivo: A Sirene e a luta contra o esquecimento da tragédia do Fundão. In: Encontro Anual da Compós, 28., 2019, Porto Alegre. *Anais [...]*. Brasília: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2019. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_YZ7MREBGAH4G9X81HM5F_28_7291_12_02_2019_01_12_06.pdf. Acesso em: 30 jan. 2020.

DELEUZE, G. O que é o dispositivo?. In: DELEUZE, G. *O mistério de Ariana*. Lisboa: Vega, 2005, p. 81-96.

FERRARA, L. D'A. A estratégia empírica na comunicação. In: BRAGA, J. L. *et al.* *Pesquisa empírica em comunicação*. São Paulo, Paulus, 2010. p. 51-69.

FONSECA JÚNIOR, W. C. Análise de conteúdo. *In: DUARTE, J.; BARROS, A. Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação*. São Paulo: Atlas, 2014. p. 280-304.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 23ª. ed. São Paulo: Graal, 2007.

FOUCAULT, M. *Dits et écrits II 1976-1988*. Paris: Gallimard, 2001.

Fundação RENOVA. *Histórias no caminho da reparação*. Belo Horizonte: Fundação Renova, 2019. Disponível em: www.caminhodareparacao.org/categoria/historias/
Acesso em: 14 jan. 2019.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HUYSEN, A. *Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

LOTMAN, I. M. *La semiosfera II: semiótica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1998.

MOREIRA, J. Narrativas testemunhais nas organizações: um estudo sobre os discursos de reparação da Fundação Renova no caso do rompimento da barragem de Mariana (MG). *In: BRUCK, M. S; OLIVEIRA, M. E.; MORAIS, J. M. (org.). Testemunhas e testemunhos do contemporâneo*. Belo Horizonte: PUC-MG, 2019. p. 24-37.

NAMER, G. Affectivité et temporalité de la mémoire. *L'Homme et la société*, Paris, n. 90, p. 9-14, 1988.

NAMER, G. *Mémoire et Société*. Paris: Méridiens Klincksieck, 1987.

NATALI, M. P. *A política da nostalgia*. São Paulo: Nakim, 2006.

PERALTA, E. Abordagens teóricas ao estudo da memória social: uma resenha crítica. *Arquivos da Memória*, Lisboa, n. 2, p. 21-37, 2007.

PIERRON, J.-P. *Transmissão*: uma filosofia do testemunho. São Paulo: Loyola, 2010.

POLLAK, M. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

submetido em: 18 jan. 2021 | aprovado em: 6 abr. 2021